



## DESVELANDO FRANKENSTEINS: INTERPRETAÇÕES DOS CURRÍCULOS DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Marcos Garcia Neira

Universidade de São Paulo – Brasil

Tornaram-se corriqueiros os comentários que desqualificam a escola e a atuação profissional docente como um todo. Os resultados alcançados nas avaliações nacionais e as comparações promovidas pelos exames internacionais têm fornecido a munição necessária para acusar a instituição educativa e seus atores de ineficientes e dispendiosos. Dentre as críticas disparadas, é comum ouvir que os professores empregam métodos e recursos desatualizados ou os conhecimentos que possuem mostram-se inadequados para lidar com as características da população que frequenta as salas de aula nesta primeira década do século XXI. A situação se torna mais complexa quando se verifica que tal sensação já está presente nas falas dos professores em início de carreira.

O “choque com a realidade”, identificado por Tardif (2005), ou leva o jovem educador a culpar as famílias e os alunos pelo próprio fracasso ou contribui para desqualificar sua formação inicial, fazendo com que incorpore a representação de incompetente. Para piorar a situação, a sobrecarga de atividades que caracteriza o magistério impede uma reflexão mais profunda sobre a identidade profissional docente que está sendo construída quando o professor iniciante se depara com o seu cotidiano difícil. É mais provável que procure contornar os problemas mediante a recorrência ao apoio dos mais próximos ou, como é usual, apelando para o senso comum. Dificilmente terá tempo para analisar criticamente seu percurso formativo e questionar por que lhe ensinaram certas coisas e não outras, quem decidiu o que deveria ser-lhe ensinado, quais conhecimentos deve ter um professor, que espécie de professor se tornou etc. Trata-se, portanto, de um caso típico de política curricular.

Não restam dúvidas que muitos e variados conhecimentos foram adquiridos nos anos de universidade. Apesar disso, o sentimento de fraqueza experimentado perante as turmas da Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio ou da Educação de Jovens e Adultos, coloca em xeque tudo o que o licenciado aprendeu, dada a disparidade verificada entre seu sucesso na cultura acadêmica e o sofrimento no cotidiano profissional.

É justamente por isso que os currículos dos cursos de formação que historicamente priorizarem a transmissão acadêmica, são, neste momento, questionados. Infelizmente, como se sabe, uma das aprendizagens mais bem consolidadas na universidade é justamente a aceitação passiva do currículo proposto. Afinal, enquanto grande parcela dos professores universitários atua no sentido da manutenção das condições vigentes, preservando, a todo custo, a inviolabilidade do seu território disciplinar e a forma com a qual desenvolvem o seu fazer pedagógico, os estudantes, em busca da sobrevivência acadêmica, colocam em primeiro lugar a conclusão do curso pela via mais fácil, ou seja, apossam-se dos conteúdos transmitidos e procuram dominar as práticas adotadas de forma a obter mais suavemente as médias para aprovação.

Parece que a problemática apresentada se amplia quando a atenção recai na formação para a docência na Educação Física. Nossa experiência nessa seara indica bem poucas ocasiões em que os estudantes universitários rejeitaram, questionaram ou sequer colocaram em dúvida os conhecimentos e significados veiculados no decorrer das atividades acadêmicas. O aceite ou a deglutição sem engulhos parece-nos ser a norma.

Talvez seja esta a razão da iminência de discursos e práticas visivelmente aliados do cabedal de conhecimentos pedagógicos contemporâneos, revelados em inúmeras oportunidades em que participamos de atividades formativas no âmbito das secretarias de educação ou unidades escolares. Evidenciando um emaranhado verbal desprovido de qualquer lastro conceitual, quando convidados a descrever suas práticas, os docentes relatam, por exemplo, o desenvolvimento de atividades de ensino que objetivam, simultaneamente, a melhoria de funções psicomotoras, capacidades físicas, socialização infantil e aquisição de inúmeros conhecimentos alusivos à cultura corporal. Por meio da análise dos planos de ensino e registros das aulas, é possível notar a emergência de práticas assemelhadas àquelas ocorridas nas escolinhas de esportes, centros recreativos ou, mesmo, nas academias de ginástica.

O trabalho de Bracht (2003) fornece pistas para compreender esse fenômeno quando explica a crise da identidade da Educação Física na Pós-modernidade, dentre outras razões, pelo surgimento de novas funções sociais na área, o que determina uma diferenciação interna. Daí, talvez, a miscelânea de termos e sentidos constatada nos documentos pedagógicos analisados seja decorrente da proliferação de discursos no currículo da Licenciatura. Ao incitar o futuro educador a assumir diferentes posições de sujeito, isto é, diferentes identidades docentes (o professor que ensina esportes, que organiza treinamentos, que ensina brincadeiras, que atua na escola), conseqüentemente, transmitem-se noções acerca do seu papel social e institucional, cujo discernimento, pelo visto, não é tão claro por parte daqueles a quem cabe ensinar Educação Física na escola.

Embora aceitável, essa premissa não nos exime de mergulhar no currículo que forma professores do componente, procedimento fundamental para desvelar o processo de construção da(s) identidade(s) docente(s). A tergiversação conceitual que caracteriza a fala e as práticas pedagógicas dos professores de Educação Física suscitou o interesse de buscar respostas às seguintes questões: O que ensinam os cursos de Licenciatura? Como são organizadas as atividades formativas? Quais visões de escola e ensino são veiculadas? Quais conhecimentos são contemplados e quais ficam de fora? Enfim, colocamos sob análise o currículo que forma professores de Educação Física em busca de desvelar quais representações sobre a docência são socializadas.

Para tanto, inspirando-nos em Kincheloe e Berry (2007), recorreremos a uma bricolagem de métodos de pesquisa que incluiu a etnografia das práticas escolares em escolas públicas e privadas, a análise dos discursos presentes nos documentos institucionais e o método evocativo junto a um grupo de professores participantes de reuniões formativas. As representações constatadas foram interpretadas a partir dos autores que militam no campo teórico dos Estudos Culturais, para quem, revelar os mecanismos pelos quais se constroem determinadas representações é o primeiro passo para reescrever os processos discursivos e alcançar a formação de outras identidades (Nelson, Treichler e Grossberg, 1995).

Há quase três décadas que estudos rigorosos envolvendo currículos da formação de professores têm despontado na literatura científica. Contudo, com uma presença bem tímida nos fóruns acadêmicos, os resultados de pesquisas sobre os currículos dos cursos de Licenciatura em Educação Física são ainda incipientes. O levantamento da produção nesse campo permitiu descobrir uma incidência maior de investigações abrangendo disciplinas acadêmicas pontuais ou experimentos pedagógicos bastante restritos. Investigações mais amplas sobre o que acontece no interior dos currículos e, sobretudo, quem eles formam, além de necessárias, preencherão importantes lacunas. Acrescente-se o fato de que o que acontece nos bancos universitários reverbera na Educação Básica e na sociedade como um todo. Afinal, é bastante razoável que a constituição de identidades docentes influencie as identidades discentes.

## CURSOS DE FORMAÇÃO INICIAL PARA A DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA: O PARADIGMA FRANKENSTEINIANO<sup>1</sup>

Sem que houvesse necessidade de empreender esforços exagerados, as análises dos currículos que formaram os professores participantes do estudo ressaltaram uma grande polifonia, conflitos entre vetores de força, coexistência de visões e tendências que se aproximam e se afastam e, principalmente, concepções de área, docência, função da escola e papel do professor, radicalmente distintas. Na maioria dos casos, a experiência formativa significou travar contato com conteúdos esparsos produzidos a partir de representações diversificadas sobre a profissão e, por vezes, ideologicamente compromissadas com setores da sociedade que dispõem de maiores poderes econômico e cultural. É interessante notar que, ao menos nos casos investigados, os profissionais formados por esses currículos ocupam postos em escolas alocadas nas periferias dos grandes centros, cujas comunidades se caracterizam pela ascendência migrante, famílias numerosas e de baixa renda.

A arqueologia da construção dos currículos investigados desvelou que o conjunto de disciplinas, o momento em que configuram na grade e, até mesmo, alguns dos conteúdos trabalhados, muitas vezes, partiram de decisões pessoais e/ou burocráticas. Não raro, procuram atender a disponibilidades, idiosincrasias e pressões provenientes daqueles como maior poder de influência ou são produtos de concessões a modismos, forças externas, paixões, entre outras influências desprovidas de sentido pedagógico. Em muitos casos, determinados conhecimentos e atividades de ensino configuram do currículo da Licenciatura sem qualquer justificativa pautada em critérios científicos ou formativos. Quem dera, ao menos, fossem produtos de acordos coletivos. Certo tema, evento, forma de avaliação ou conteúdo desponta simplesmente porque alguém considerou procedente, seja o coordenador do curso ou professor da disciplina.

Nos casos analisados, a arquitetura curricular revelou-se contrária às recomendações dos estudos contemporâneos (Torres Santomé, 1998; Pacheco, 2005; Moreira e Candau, 2007, entre outros). O currículo precisa ser o fruto de uma ação coletiva. Inicialmente desenhado por um colegiado composto por representantes daqueles que nele atuarão como sujeitos, mas experimentado e avaliado por cada ator constantemente. É imprescindível que sua elaboração se dê a partir de análises do campo de atuação do profissional e com a mais absoluta clareza das visões de homem, mulher, mundo, sociedade e área de conhecimento nele presentes. Somente assim, será possível eleger conteúdos, atividades e métodos de ensino que viabilizem a construção das identidades docentes idealizadas. Isso não significa fechar as portas para as diferenças, muito pelo contrário. Para formar um profissional crítico e socialmente compromissado, é fundamental a presença de diferentes perspectivas sobre os temas estudados. É preciso uma retroalimentação curricular constante a partir das vivências profissionais, de estágio e de extensão, bem como, de investigações e novas descobertas que se fizerem em cada uma das áreas que compõem o currículo. Um projeto curricular, portanto, nunca termina, encontra-se em permanente estado de reconstrução e avaliação. Cada membro da comunidade é, no melhor sentido, ator e autor da proposta.

A teorização curricular disponível permite desvelar os processos implícitos em construções esquizofrênicas, aleatórias ou desreguladas, a partir de algumas indagações. O que será obtido como resposta, por exemplo, quando questionados os códigos transmitidos aos futuros professores de Educação Física por um currículo construído de forma confusa e sem critérios. Quais representações estarão disponíveis aos futuros educadores e quais não estarão? É importante frisar que ao disponibilizar certas experiências e conteúdos e não disponibilizar outros, estar-se-á a formar determinados profissionais e não outros. Bernstein (1998) enfatiza a impossibilidade de se alegar inocência. Qualquer decisão curricular é política. Qualquer decisão curricular está

<sup>1</sup> Alusão a Frankenstein, monstro ficcional construído em laboratório a partir de segmentos corporais originariamente pertencentes a indivíduos diferentes, personagem da obra de Mary Shelley publicada em 1818.

vinculada a um modo de ver o mundo que se quer legitimar e tornar hegemônico. Com isso, qualquer decisão curricular, converge com determinados ideais e diverge de outros.

Os saberes e situações que constituem o currículo da formação para a docência refletem, em última análise, o sujeito-professor que se quer formar. Sempre há um projeto de cidadão em vista e um modelo profissional a ser alcançado para um determinado projeto de sociedade. Qual é a sociedade pretendida pelos atuais currículos que formam professores de Educação Física? A sociedade neoliberal individualista e competitiva, cujo princípio se baseia no acúmulo de bens materiais e culturais, ou a sociedade democrática e equitativa que reconhece as diferenças e trata de diminuir as injustiças. Silva (2007) é contundente quando explicita que o currículo forja pessoas, constitui identidades. O que se pretende é formar identidades profissionais docentes mais alinhadas à manutenção (conservação) ou à transformação do atual quadro social? A constatação de que os currículos analisados, consciente ou inconscientemente, estão atrelados a setores, grupos, conhecimentos, correntes e tendências sem qualquer reflexão mais profunda que faça emergir o que impeliu seus atores a incluir certos conteúdos e experiências de aprendizagem e negligenciar outros, torna possível recorrer à alegoria do Frankenstein para ilustrar as identidades dos docentes que tais currículos estão formando.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNSTEIN, B. *A estruturação do discurso pedagógico*. Classes, Códigos e Controle. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRACHT, V. Identidade e crise da Educação física: um enfoque epistemológico. In: BRACHT, V. e CRISÓRIO, R. (coords.). *A Educação Física no Brasil e na Argentina: identidade, desafios e perspectivas*. Campinas: Autores Associados; Rio de Janeiro: PROSUL, 2003

KINCHELOE, J. L. e BERRY, K. *Pesquisa em Educação: conceituando a bricolagem*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MOREIRA, A. F. B. e CANDAU, V. M. *Indagações sobre currículos: currículo, conhecimento e cultura*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

NELSON, C; TREICHLER, P. A. e GROSSBERG, L. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, T. T. (Org.) *Os alienígenas na sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

PACHECO, J. A. *Escritos curriculares*. São Paulo: Cortez, 2005.

SILVA, T. T. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

TARDIF, M. *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Petrópolis: Vozes, 2005.

TORRES SANTOMÉ, J. *Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

**Contatos**

Universidade de São Paulo  
Fone: não fornecido pelo autor  
Endereço: não fornecido pelo autor  
E-mail: [mgneira@usp.br](mailto:mgneira@usp.br)

**Tramitação**

Recebido em: 15/06/10  
Aceito: 15/10/10